

Recensão crítica da curta-metragem de David Lynch, intitulada *What did Jack do?*¹

LYNCH, David. *What did Jack do?* Sabrina S. Sutherland/Absurda
(prod.) Fondation Cartier pour L'Art Contemporain (exib.)/ Netflix (distr.).
17 minutos. (curta-metragem), 2020.

Luís Carlos S. Branco²
Departamento de Línguas e Culturas/ CLLC
Universidade de Aveiro, Portugal

1. O universo Lynchiano

No seu cômputo geral, a obra de David Lynch deixa uma marca indelével na história do cinema. Filmes como *Eraserhead* e *Wild at Heart*, entre outros, ou a icónica série televisiva *Twin Peaks*, integram o *corpus* sólido de um trabalho autoral profundamente idiossincrático. A não linearidade e uma lógica narrativa que prima por mecanismos associativos e oníricos, com aportes ao grotesco e ao surreal, sob o pano de fundo da história e dos lugares norte-americanos, e um uso muito particular da paródia e do pastiche, fazem dele um cineasta incontornável. Como só raros o conseguem, viu o seu nome transformado em adjetivo. Assim, se existe “kafkiano”, “dantesco” ou “feliniano”, por sua vez, “lynchiano” entrou, desde há algumas décadas, no jargão analítico-crítico (quando se diz de um filme que ele é “lynchiano”, já sabemos a que se refere).

Em suma, David Lynch, nos seus agora provectoros 76 anos, poderia perfeitamente viver à sombra dos louros conquistados, não fosse a inquietude criativa ser um dos seus traços caracterológicos mais notáveis. Continua, por isso, a manter uma incessante atividade criadora, que se espraia por inúmeros meios e suportes, desde a pintura, matriz original e arte primeva por onde começou a sua atividade criadora enquanto jovem, a fotografia, a música e, claro, as artes cinematográficas, em multimodas

1

Este trabalho foi realizado com o apoio da Bolsa de Doutoramento em Estudos Culturais da Universidade de Aveiro (BD/REITORIA/9316/2020).

2

Luís Carlos S. Branco é bolseiro de doutoramento, em Estudos Culturais, pela Universidade de Aveiro, e docente no Departamento de Línguas e Culturas da mesma instituição. Integra o grupo de investigação Políticas de Cultura, Indústrias de Cultura e o Ócio

Tem vários trabalhos publicados e comunicações feitas nas suas áreas de interesse de investigação: Neurohumanidades, Estudos de Música Pop-Rock, Estudos Fílmicos e Literatura. Para além das atividades letivas, atualmente, dedica-se à sua tese de doutoramento sobre o cineasta David Lynch, no âmbito dos Estudos da Consciência.



Recensão crítica da curta-metragem de David Lynch,
intitulada *What did Jack do?*
Luís Carlos S. Branco

formas genológicas: webséries, curtas metragens, videodiscos, anúncios publicitários, séries televisivas, concertos filmados, pequenos *sketches*, etc.

Tornou-se também um arauto da Meditação Transcendental, o que o tem levado a desdobrar-se numa série de atividades, que vão desde palestras proferidas pelo mundo fora à feitura de documentários, escrita de livros, curadoria de festivais, caso do *Festival of Disruption*, ou a implementação do Programa de Meditação Transcendental em escolas problemáticas, centros de sem abrigo, associações de veteranos de guerra com Stresse Pós Traumático, ou a médicos e enfermeiros que trabalham no âmbito pandémico da Covid 19. O seu compromisso, de teor missionários, com a Meditação Transcendental, levou-o a criar uma fundação, a David Lynch Foudation, dedicada à sua disseminação e pesquisa.

Nos anos mais recentes. escreveu vários capítulos para a sua biografia oficial (LYNCH; MACKENNA, 2018); regressou, para gáudio de milhares de fãs, em 2017, ao universo de *Twin Peaks*, escrevendo e realizando uma nova temporada televisiva de 18 episódios, intitulada *Twin Peaks: The Return* (LYNCH, 2017a); lançou, no mesmo ano, sob a égide da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, um, há muito anunciado, álbum fotográfico de retratos de nus, (LYNCH, 2017) que ele vinha a fotografar ao longo de vários anos. Ao mesmo tempo, organizou, na mesma instituição, uma exposição antológica do seu trabalho pictórico e co-escreveu com Angelo Badalamenti, um LP musical, intitulado *Thought Gang*. Em 2019, organizou uma exposição sobre o seu trabalho, em Manchester, intitulada *My Head is Disconnected*.

No meio de toda esta atividade frenética, há, no entanto, algo para o qual demora bastante mais: as suas longas-metragens. Tem noção do seu legado e do impacto e escrutínio crítico a que elas serão sujeitas, por isso, prepara-as com redobrada cautela e tempo. A última, *INLAND EMPIRE*, data já de 2006, e se, por um lado, foi um sucesso de crítica, por outro, ficou muito aquém das expectativas em termos de *box-office*. Ultimamente, foi anunciado que a sua próxima obra de fôlego será o, há muito esperado e anunciado, *biopic* sobre o genial cantor e *songwriter* Tom Waits, ele próprio uma personagem lynchiana. É uma obra aguardada com grande expectativa.



2. Uma insólita curta metragem

A obra, sobre a qual aqui me debruço, intitula-se *What did Jack do?*, e, embora tenha sido realizada em 2016, e exibida, pela primeira vez, em 2017, no contexto da já mencionada exposição na Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, só teve ampla difusão e contacto com o grande público, em janeiro de 2020, data de aniversário de Lynch, (e, coincidentemente, de uma das suas maiores referências, Federico Fellini), ao ser lançada mundialmente na plataforma de *streaming* Netflix.

Saliente-se que, face à perda de espetadores nos cinemas tradicionais, muitos realizadores de nomeada veem amiúde os seus projetos impossibilitados de se concretizarem, pois, as grandes companhias de produção cinematográfica não os financiam. Eles recorrem, então, ao apoio das plataformas de *streaming*, como a Netflix, a HBO ou a Hulu, que, para além do mercado das séries televisivas, têm apostado cada vez mais na produção de filmes próprios. Cineastas da craveira de Martin Scorsese e Spike Lee realizaram, neste contexto, os seus filmes mais recentes: *O Irlandês*, estreado em 2019, e *Da 5 Bloods: Irmãos de Armas*, em 2020, ambos com os custos de produção assegurados pela Netflix. Por sua vez, a nova temporada de *Twin Peaks: The Return*, de David Lynch, foi estreada no canal Showtime, mas, foi, depois, transmitida pela Netflix, alcançando, desse modo, uma audiência muito mais vasta.

Relativamente ao filme aqui em análise, as suas premissas efabulatórias são simples e tipicamente lynchianas. Ele consiste numa (in) tensa conversa entre um macaco-prego, Jack Cruz, acusado de matar Max, o amante do seu grande amor, uma galinha chamada Toototabon, por quem ele está loucamente apaixonado, e o detetive que anda à sua procura, aqui, interpretado pelo próprio David Lynch. A ação desenrola-se na mesa de um bar de uma estação de comboios, à volta da qual eles estão sentados.

Como é usual suceder nas suas obras, as cenas que nos parecem, ao início, estranhas e incongruentes, rapidamente nos captam a atenção e, de algum modo, nos parecem, depois, "normais" e familiares. Essa é uma das grandes qualidades de Lynch, que lhe tem permitido não ficar segmentado num mero nicho de *avant-garde* e, pelo contrário, o tem ajudado a granjear um número elevado de admiradores entre o grande público. O seu mundo



é, portanto, um mundo estranho, mas próximo do nosso. Ele consegue transformar o insólito em algo familiar aos olhos do espetador. Por um lado, usa uma linguagem cinematográfica contígua ao inconsciente e ao devaneio e sonho humanos, por outro, todas as suas histórias, não sendo lineares nem oferecendo grandes pontos de referência ao espetador, no entanto, são altamente emotivas e reflexivas. E isso é também conseguido nesta sua nova curta-metragem.

Em poucos minutos, esquecemos a estranheza da situação e, quase sem darmos por isso, damos por nós concentrados nos dilemas do pobre macaco apaixonado e em vias de ir parar à prisão, se calhar injustamente, por causa de um crime passional. Acompanhamos, interessados, o fluxo das suas emoções. Primeiro, achamos-lhe graça e rimo-nos; depois, sentimos algum espanto e curiosidade; a certa altura, choque por alguns eventos traumáticos que ele nos revela; e, por fim, compreensão. Condoemo-nos por ele estar encurralado. Na verdade, talvez a filmografia lynchiana não esteja assim tão repleta de irrealidade. O realizador sublinha e assinala os aspetos da realidade que primam pela surrealidade. Repare-se, é raro sentirmos medo ao vermos um qualquer filme sobre fenómenos paranormais. No entanto, os espíritos que aparecem nos filmes de Lynch são altamente perturbadores, pois, ressumam a realidade. Uma realidade que nos escapa, é certo, mas, que nos toca e à qual somos sensíveis.

3. Manifesto estético-histórico em *What did Jack do?*

Existe também, neste *piccolo* filme, um jogo paródico com a História do cinema e um certo apelo de Lynch à recuperação da inocência de olhar dos primórdios do cinema. De algum modo, ele quer provar que é possível agarrar o espetador ao ecrã e cativá-lo com meios pueris, paupérrimos. E, nesse sentido, *What did Jack do?* é uma espécie de manifesto contra as grandes produções de super-heróis para onde, nos últimos anos, as grandes companhias cinematográficas se têm virado, em detrimento do cinema de autor, que, durante muito tempo, teve um papel destacado em Hollywood. Por isso, o facto de ter tido um número considerável de espetadores na Netflix, deve ter dado uma felicidade particular ao realizador. Sobre as mudanças drásticas no mundo cinematográfico, ele afirmou:



Recensão crítica da curta-metragem de David Lynch,
intitulada *What did Jack do?*
Luís Carlos S. Branco

How we see a film is changing. The video iPod and the video online are changing everything. A tiny little picture, instead of a giant big picture, is going to be how people see films. (...) I think is going to be a bit of a bumpy road. But the possibility is there for very clean pictures – no scratches, no dirt, no water marks – and an image can be controlled in an infinite number of ways. (LYNCH, 2016, pp. 155-156)

Por isso, neste filme, ele assume uma postura de alguma revolta contra esse estado de coisas. Há, aliás, um elemento que deve ser salientado e que nos remete para os primórdios do cinema e para as experiências dos irmãos Lumière: a Unipontualidade. Ou seja, tudo se passa num só local e num só tempo. Existe também um certo exibicionismo da pobreza de recursos utilizados. A imagem é a preto e branco e é atravessada por ruídos e estalidos, por aquilo que usualmente designamos por “moscas”, pequenos pontos pretos perturbadores da imagem, como se a película fosse velha e desgastada. O efeito primitivo através do qual o macaco fala com voz humana, limita-se, tal como se fazia nos filmes do início do século XX, a uma mera sobreposição de imagens: uma boca humana discursa, inserida no rosto do macaco-prego.

Claro que tudo isto é intencional. É como se Lynch nos dissesse: “Vejam como, nestes tempos do digital e do avanço tecnológico, é possível fazer cinema com tão pouco”. E, em grande medida, esta sua aposta foi ganha, pois, o filme, como já mencionei, obteve um assinalável sucesso na Netflix.

Em resumo, há um reclamar pela simplicidade de meios e também um foco naquilo que realmente importa na arte cinematográfica: a imaginação criadora e uma boa história (por mais estranha que seja) capaz de agarrar emocional e intelectualmente o espetador.

4. Interrogar as palavras com palavras

A forma como o realizador trabalha a Linguagem é igualmente assaz interessante. Os diálogos são um primor de escrita e este é um aspeto que nem sempre é devidamente destacado no seu trabalho. Eles fornecem-nos pistas e introduzem *cliffhangers* vários; servem, portanto, para adensar a



Recensão crítica da curta-metragem de David Lynch,
intitulada *What did Jack do?*
Luís Carlos S. Branco

intriga e aguçar a curiosidade do espectador. Simultaneamente, há um uso poético da linguagem por parte do realizador. Nesse sentido, são meta-diálogos, pois refletem sobre o próprio modo como são construídos.

Por exemplo, o cineasta recorre propositada e constantemente a expressões idiomáticas e frases feitas: “There’s an elephant in the room”, “It takes two to dance the Tango”, “Be a man, Jack”, “Start talking Turkey”, “The party is over”, “The Jack of many trades”, etc. (LYNCH, 2020). Colin Joyce parece partilhar desta ideia ao escrever que “Although the characters talk in the unmistakable patten of police procedurals, their conversation is littered with misplaced idioms, fractured non-sequiturs, and baffling descriptions of inter-species violence” (JOYCE, 2020)

Ora, temos consignado, no tratamento linguístico deste filme, um efeito derridiano, dado que o que deflui deste uso inusitado de lugares comuns é que tudo é, afinal, linguagem e, oximoricamente, nada é linguagem. Há, portanto, uma proximidade filosófica a Wittgenstein e, tal como já foi referido por alguns autores, faz lembrar a erosão dialógico, concomitante ao absurdo, de Samuel Beckett. Será certamente por isso que Roger Luckhurst afirmou: “Lynch’s surrealist new short, now streaming on Netflix, carries echoes of Kafka, Beckett and Pinter – and teasing hints of what he might do” (LUCKHURST, 2020). Acrescente-se que a companhia cinematográfica fundada por Lynch chama-se Absurda e o penteado do realizador parece inspirado nas icónicas fotografias de Beckett.

No trabalho do cineasta sobre as palavras, há um outro elemento quiçá mais relevante, para o qual chamo a atenção. É como se ele se auto armadilhasse e nos quisesse demonstrar que foi capaz de ultrapassar as limitações impostas por si mesmo. Ao recorrer a uma linguagem tão comum, tão comezinha, ele oferece-nos um universo linguístico familiar e chama-nos a atenção para esses mesmos tiques da linguagem e para o poder que eles exercem e detêm sobre nós. Ele, ao exhibir toda essa artificialidade dos diálogos cinematográficos, todo esse código já ancestral, quer mostrar que eles não impedem o filme de resultar. Pelo contrário, contribuem para a sua efetivação junto do espectador. Os filmes são, assim, uma arte da ilusão, à qual, em última instância, é ao espectador que cabe torná-los reais, torná-los seus. Lynch coloca, deste modo, todas as cartas em cima da mesa em frente ao espectador. É um cinema que não nos engana e nos olha nos olhos.



5. O cinema enquanto espelho e autorretrato

Por fim, é evidente que esta obra decorre de uma das mais obsessivas temáticas lynchianas: o duplo, o *Doppelgänger*. Encontramo-la em vários dos seus filmes – as duas mulheres, uma loira e outra morena, de *Mulholland Drive*; as duas personagens numa só, Renee Madison/Alice Wakefield, interpretadas por Patricia Arquette, os dois Fred Madison, em *Lost Highway*. Agora, Lynch aprofunda esta sua obsessão tópica.

Este filme emerge como um peculiar autorretrato. Temos vários indícios disso, a começar pelo facto de Lynch representar o detetive. Mas, note-se, ele figura como o ícone em que se transformou. Aparece a fumar, com o seu penteado revoltado característico e com um dos seus invariáveis fatos pretos: é o Lynch que nos habituámos a ver nas entrevistas e nas cerimónias públicas. Se confrontarmos esta sua aparição com a que surge, por exemplo, em *David Lynch: The Art Life*, percebemos o quanto essa imagem icónica tem de artificial e ilusório (NGUYEN; BARNES; NEERGARD-HOLM, 2016).

Subjaz a esta curta-metragem um duelo ao espelho de Lynch com Lynch. As falas e os relatos do macaco Jack, que veste um fato semelhante ao usado por Lynch, possuem analogias e significativos elementos de intertextualidade com a atribulada vida amorosa do cineasta, que, para além de múltiplas relações fugazes, vai já no seu quarto casamento. Para além de ele, o outro único ser humano que aparece no filme é a empregada de mesa, que vem trazer o café. A atriz que a interpreta é a sua mulher atual, Emily Stofle. As personagens formam, assim, um metafórico quarteto de dois pares: a galinha Totaban, que aparecerá no final, e o macaco Jack Cruz, e o casal Lynch. Este jogo especular reflete-se também nos diálogos e no facto singular de a voz do macaco ser, na verdade, a de Lynch, acrescentada com alguns efeitos sonoros de distorção. Convenhamos, existe coragem neste desnudamento simiesco por parte do realizador.

Perto do final, a cena, grotesca e épica, na qual o macaco Jack Cruz canta, de modo desafinado, mas sentido, uma balada triste e apaixonada ao seu grande amor, faz eco alegórico da relação deslumbrada e problemática de Lynch com Eros e Cronos. É uma cena antológica, memorativa. É ridícula e sublime. A arte maior de Lynch está em sabiamente reenviar este pessoalíssimo autorretrato para a mente comovida do espetador. Talvez os



nossos melhores momentos sejam também os mais comezinhos e estranhos, os mais ridículos, os mais divinos. E quem nunca se apaixonou por uma galinha ou por um macaco e foi, assim, tão malograda e saudosamente feliz que se atreva e atire a primeira pedra!

Referências bibliográficas

LYNCH, David. *Catching The Big Fish: Meditation, Consciousness and Creativity*. 10th Anniversary Edition. New York: Penguin Random House, 2016.

_____. *Nudes*. Paris: Fondation Cartier Pour L'Art Contemporain. 2017.

_____. *Twin Peaks: The Return*. Rancho Rosa Partnership Production/Lynch-frost Productions (prod.), 2017a.

_____. *What did Jack do?* Sabrina S. Sutherland/Absurda (prod.) Fondation Cartier pour l'Art Contemporainm (exib.)/ Netflix (exib./distr.), 2020.

LYNCH, David; MACKENNA (2018). *Espaço para Sonhar*. Trad. de Hugo Gonçalves. 1.ª edição. Lisboa: Elsinore, 2018.

JOYCE, Colin. "David Lynch Lightens Up in His New Short Film, «What Did Jack Do?»". *Vice*, 21 de janeiro, 2020. Disponível em:

https://www.vice.com/en_us/article/wxendx/david-lynch-lightens-up-in-his-new-short-film-what-did-jack-do

LUCKHURST, Roger. "«What Did Jack Do?» review: David Lynch debriefs a monkey." *BFI*, 21 de janeiro, 2020. Disponível em:

<https://www.bfi.org.uk/news-opinion/sight-sound-magazine/reviews-recommendations/bytes/what-did-jack-do-david-lynch-talking-monkey-surreal-short>

NGUYEN, Jon; BARNES, Rick; NEERGARD-HOLM, Olivia (2016). *David Lynch: The Art Life*. (Doc.). Duck Diver Films (prod.), 2016.